

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou em várias instituições, na biblioteca do estado (atual IUPERJ) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Biblioteca de Regeneração* (Rio de Janeiro - Outubro de 1913), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1914), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1915), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1916), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1917), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1918), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1919), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1920), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1921), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1922), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1923), *Revista da Academia Cearense de Letras* (Rio de Janeiro - Janeiro de 1924).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o poeta que foi publicada em 1924, sob o título *Justiniano de Serpa*, sob a direção de João de Deus. Após a publicação da tese, o poeta foi eleito presidente do conselho da Academia Cearense de Letras em 1913. Com a ajuda de Leonardo Melo, amigo do poeta, foi eleito presidente do conselho acadêmico, ocasião em que o poeta foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos bens,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

CARLOS d'ALGE

Carlos Neves d'Alge nasceu em Chaves, Portugal no dia 24 de julho de 1930, tendo adotado a cidadania brasileira. Formado em Contabilidade, pela Escola de Comércio Padre Champagnat, em Letras Neolatinas, pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e, em Direito e Pedagogia, pela UFC. Na Universidade Federal do Ceará exerceu as seguintes funções: chefe de gabinete do reitor Martins Filho, professor titular de Literatura Portuguesa, chefe do Centro de Humanidades, pro-reitor de Extensão, diretor da Casa de Cultura Portuguesa, coordenador do Curso de Jornalismo e superintendente da TV Educativa. Na Universidade de Fortaleza – UNIFOR, foi professor e diretor do Centro de Humanidades. Em 1973, como professor visitante, ministrou cursos de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade de Colônia, Alemanha.

É ensaísta, cronista e professor com vasta experiência no campo do ensino e da pesquisa. Iniciou suas atividades como radialista (redator e produtor) e como jornalista. Trabalhou no Rio de Janeiro no *Correio da Manhã* e, em Fortaleza, em *O Jornal*, *A Fortaleza*, *Ceará Jornal*, *O Povo* e *O Estado*. Foi comentarista político de televisão nos anos 1991/1992. Dimas Macedo, ao analisar seu livro de poesias, disse que ele é “o poeta verdadeiramente identificado com o seu tempo, o homem de letras realizado em toda sua dimensão de escritor”. Principais obras: *Aspectos da nova Literatura Portuguesa*, 1965; *Terra do mar grande*, 1970; *Sintaxe do compromisso* (poesias), 1980; *Exílio imaginário*, 1983; *O território da palavra*, 1990; *O sal da escrita*, 1997; *A mulher de passagem*, 1993; *Em busca da utopia*, 1995; e *Antologia Terra da Luz, Poetas*, 1998. Honrarias: recebeu o título de Cidadão de Fortaleza e Comendador da Instrução Pública de Portugal.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 30 de setembro de 1980, sendo saudado pelo acadêmico Artur Eduardo Benevides. Ocupa a vaga deixada por Hugo Catunda, cadeira número 36, cujo patrono é o Senador Pompeu. Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

REVOLUÇÃO EM ABRIL

*A poesia está na rua,
nas praças e monumentos,
nos cravos e bandeiras,
nos fuzis levantados ao alto
a saudar a liberdade.*

*No país dos capitães sem sono
as inscrições nos muros e calçadas
lembram o nascer do novo dia,
apesar de tudo e de tantos.*

ATO DE AMOR I

*O que é realmente o amor?
A ânsia libertada,
a paz restaurada,
a fuga e o sonho cumpridos,
os corpos que se entregam
úmidos e dadivosos,
ou a sede saciada
e o descansar com ternura?*

CAIS DO TEJO

*Para onde se dirigem estas gaiotas
que navegam sob céu tão azul e limpo?
(em busca, quem sabe, de perdidas rotas).
A cismar, olhos no rio, traço retinto,
procuro restaurar as pedras da saudade,
envoltas em sonho e pesadelo, deste cais
em busca, também, da possível verdade
das flores, dos passantes e dos jornais.*

*Águas do Tejo que demandam o oceano
em vão tento achar nesse instável veio
o momento que ficou, posto que estranho,
culpa e mágoa de insólito anseio.
Ah, a esperança dos navios que partem,
transfiguro-me em ave e velejo
por ilhas a descobrir: nós que se desatem
à beira doutro cais para além do Tejo.*

RE-CRIAÇÃO

*É preciso re-criar o romantismo,
as massas estão cansadas
de violência e abstração.
É preciso substituir Trotski por Byron
e ouvir Maikovski recitando Puchkin.*

*Esgotamo-nos ou esvaziaram-nos,
corrompendo-nos até à medula,
de slogans, frases de estilo, jogos conceituais,
malabarismos tecnocráticos e estratégias verbais.
Estamos cansados de promessas e traições.*

*Queremos o retorno dos velhos tempos românticos
em que escrevíamos poemas às mulheres amadas
possuídas e desejadas.
Em que cantávamos simplesmente
e não escondíamos o medo nas metáforas.*

FONTE: D'ALGE, CARLOS. *SINTAXE DO COMPROMISSO*. FORTALEZA: SEC. DE CULTURA E DESPOR-
TO, 1980. P.34, 39, 95, 40. (POEMAS SELECIONADOS PELA PROFESSORA MARIALINE D'ALGE).